

RÚSSIA ALÉM DOS 90 MINUTOS

Verônica Filíppovna

VASSOLER, Flávio Ricardo. *Diário de um escritor na Rússia*.
São Paulo: Hedra, 2019.

FLÁVIO RICARDO VASSOLER acaba de publicar *Diário de um escritor na Rússia* (Hedra, 2019), uma obra heterogênea, convidativa a uma viagem poética de olhares entrecruzados, na qual o literário e o político, o histórico e o filosófico, a crônica e o ensaio, a tradição e a atualidade, o hibridismo de formas, a dinâmica do real e a ficção da realidade desvelam facetas da Rússia europeia. Entregue a vivências, a inspirações e, sobretudo, à escuta do outro – deixando-o ser na sua inteireza –, o autor percorre um itinerário plural singularizado pelo curso e transcurso da própria viagem.

O título e a forma narrativa do livro retomam o *Diário de um escritor*, de Dostoiévski – publicado na imprensa no decorrer da década de 1870, e que incita um debate em torno de “a ideia russa”, o sofrimento, a paixão, a redenção, o niilismo, a miséria dos camponeses, dentre outros temas. De forma similar, através de ensaios-crônicas-reportagens-contos, nascidos de experiências concretas, isto é, experiências vivenciadas, vistas e/ou ouvidas, Vassoler rompe as fronteiras entre os gêneros literários, e reflete sobre a Rússia imperial e a contemporânea, sobre a revolução bolchevique, a União Soviética, a ortodoxia, a modernidade, a cultura nacional, a utopia revertida em distopia. Mas sem abandonar a ficção.

As páginas de *Diário de um escritor na Rússia* surgiram de maneira bastante peculiar. O autor foi convidado para trabalhar como correspondente da revista *Veja* durante a Copa do Mundo da Rússia de 2018. Ele viajou pelas cidades onde aconteceram os jogos e redigia artigos não sobre futebol, e sim sobre a “Rússia profunda”. Os textos, que não se prendiam aos jogos, foram redigidos muitas vezes durante o deslocamento entre cidades – em vagões de trens noturnos ou em assentos apertados de aviões –, e eram enviados para publicação todos os dias no site da revista, em um blog literário-cultural sobre as cidades da Copa do Mundo. Um trabalho de folego, imaginação.

Vassoler escalou um “time seletor” de craques pelos quais “o Ocidente, civilizado como ele só, tem o mais absoluto respeito”: Dostoiévski, Tolstói, Gógol, Maiakóvski, Gagárin, Aleksander Soljenítsin, Górkí, Boris Pasternak, Mikhail Bakhtin, Raskólnikov e Ivan Karamázov, para citar apenas alguns. Trocando bola com estes e outros escritores e personagens, o “autor/leitor/viajante” entra em um campo vasto e fértil.

Nesta arena não há vencedores, nem perdedores. É um jogo amistoso, um encontro vivo e efervescente de situações díspares, acontecimentos singulares, fascínio e mistério, próprios do povo russo e sua história. Uma partida que sob o pulso e o impulso da criação traz a lume o que há de essencial na “alma” russa.

Diário de um escritor na Rússia é uma obra na qual o outro – as cidades, os objetos, as tramas e os dramas humanos, o povo e a arte russa, poetas e pensadores – ocupam a posição central. A leitura dos textos, alguns permeados de crítica literária, fatos históricos e reflexões políticas e filosóficas, outros transpassados de ficção, leva o leitor a percorrer “um país de cultura e história tão ricas quanto contraditórias”, em que um concerto de alteridades dissipa a arrogante e extenuante dicotomia entre o eu e o outro. Como se abrisse uma *matrioska*, cada página do livro revela um outro – mais profundo.

Importante destacar a sutileza, o lirismo e a polifonia da linguagem do autor. Esta é o fio condutor do livro, e não sua erudição. A voz e as vozes, o plural e o singular, encetam um jogo de liberdade da própria linguagem. Com uma linguagem vigorosa e tenaz – sempre com o “caderninho em punho” – Vassoler esculpe imagens poéticas, lê a tradição russa reinventando-a, narra os acontecimentos históricos (sem teorizá-los ou descrevê-los), reflete sobre a atualidade resguardando a abertura para o lúdico.

Memórias, imagens, confissões, indagações, exuberância, proximidade com o desconhecido, o distante, o alheio, *Diário de um escritor na Rússia* trata não só destas questões, como também revela outras. Uma livro que, sutilmente, conduz a nós, leitores, a uma viagem rumo ao império dos tsares, à revolução bolchevique, aos escombros da União Soviética, a *gulags*, a igrejas ortodoxas, ao islamismo, ao judaísmo, ao encontro de ex-combatentes do *front*, ao acolhimento de rostos ignotos, anônimos... E que nos leva a indagar, tal qual Henrique Canary no posfácio à obra: “O que que é que a Rússia tem?”

São várias as repostas à esta pergunta. À guisa de curiosidade: os textos podem ser lidos tanto sequencialmente quanto aleatoriamente. A cada leitura temos a sensação de que tudo foi escrito/vivido em um só fôlego. Rasgos de epifania. Encantamento. Sob o comando da imaginação, Vassoler vai ao encontro de acontecimentos que “(res)guardam sua aura na vivência mesma”; acontecimentos que perscrutam um sentido para a vida, o sentido ontológico da nossa vida – com leveza, mas sem perder a densidade.

Pelas páginas de *Diário de um escritor na Rússia* caminham de mãos dadas criação e crítica, em um movimento rítmico que estreita os laços entre literatura, história e sociedade. À medida que nos sintonizamos com os passos e compassos da obra entregamo-nos também à liberdade de uma viagem “em meio à aurora do verão russo que vai banhando” e aquiescendo pensamentos, ideias e, sobretudo, o imaginário.

Tudo começa com um diálogo inusitado e termina, paradoxalmente, com a mesma questão: “Fiódor Dostoiévski, me responda de uma vez: por que a vida e a história não desmentem Franz Kafka, quando ele sentencia que há esperança, mas não para nós?”.

E Dostoiévski, “com olhos de esfinge, o semblante entre o taciturno e reflexivo e as mãos cruzadas à frente do corpo, o escritor de barba longa e desgrenhada mais parece uma sentinela a sentenciar para o visitante/leitor:

– Decifra-me ou te devoro. Não. Decifra-me enquanto te devoro”.

Vassoler aceita o desafio. Inicia uma viagem – aventura – poética, fitando as coisas, a realidade, como se fosse pela primeira vez. Para seu espanto e regozijo ele também está sendo observado. Nesse encontro com alteridades se dá a possibilidade de “refletir, sem dogmatismo sobre tragédias históricas”, a fragilidade da própria condição.

Por entre belezas e desgraças, Vassoler procura “captar o sentido secreto das coisas” – da Rússia! –, levando-nos a penetrar no coração selvagem da existência.

Verônica Filíppovna

Doutora em Teoria Literária pela UFRJ, tradutora, ensaísta e russófila.